

PREFÁCIO¹

O livro *Pós-graduação e Produção do conhecimento em Serviço Social. Conjuntura, tendências e desafios*, organizado pelas pesquisadoras Alzira Maria Baptista Lewgoy e Ana Lúcia Suárez Maciel, é uma oportuna, necessária e inédita publicação sobre a temática. Ela abre horizontes à pesquisa e a produção de conhecimentos, à formação acadêmico profissional e ao trabalho do assistente social na história contemporânea mediante provocativo debate. O leitor tem em mãos resultados do Seminário Regional sobre a Pós-Graduação no Brasil e seus impactos no Serviço Social, que atribui visibilidade à produção e troca de conhecimentos sobre a formação em Serviço Social. Este seminário foi organizado por grupos de estudos² vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o apoio da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS- Regional Sul I).

O livro encontra-se dividido em 02 partes voltadas respectivamente à (i) Pós-Graduação em Serviço Social – conjuntura, conformação e desafios; (2) Tendências da produção do conhecimento em Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional. Reúne ainda os resumos dos trabalhos apresentados no Seminário Regional: Conjuntura e Produção do conhecimento sobre formação em Serviço Social na Pós-Graduação.

Nesses tempos de crise do capital, a hegemonia das finanças, materializada em bancos e fundos de investimentos, opera em detrimento do crescimento da produção e dos serviços, com decisiva ingerência do Estado, especialmente via pagamento da dívida pública. Desenvolve-se um abissal crescimento das desigualdades e de acesso aos meios de vida para segmentos majoritários das classes trabalhadoras no Brasil. Sob o condão do *ultraliberalismo*, tem-se o culto ao mercado e a privatização dos serviços e empresas públicas. No contexto atual do País, a crise desborda para o âmbito político-institucional, ao colocar em questão a ordem constitucional no país, a democracia liberal e os valores civilizatórios. Ela se amplia com a crise sanitária e a irresponsabilidade do Governo no seu enfrentamento, com aproximadamente 600 mil vítimas da covid19, cifra que ultrapassa muitos dos conflitos bélicos mundiais. São nesses tempos de “desassossego”, como diria Guimarães Rosa, que é lançada esta coletânea. No terreno da resistência, aqui se valoriza o trabalho da ciência e da

¹ DOI – 10.29388/978-65-81417-32-1-0-f.13-16

² Grupo de Estudos sobre Gestão Social e Formação em Serviço Social (FORMASS) da PUCRS e Grupo de Estudos sobre a formação e exercício profissional em Serviço Social (GEFESS) da UFRGS.

educação superior, apresentando um quadro da formação e da produção acadêmica ao nível da pós-graduação no Serviço Social brasileiro.

A emergência da pós-graduação *stricto sensu*, no Brasil, ocorre na década de 1960. Na área de Serviço Social ela inaugura-se uma década após, no início de 1970, com a emergência dos primeiros mestrados de forma pioneira na América Latina. A produção deles oriunda amplifica a pesquisa e a produção científica, viabilizando os cursos de doutorado, a partir da década de oitenta do século XX. A expansão qualificada da produção científica na área de Serviço Social vai soldando o seu reconhecimento acadêmico como área de conhecimento pela comunidade científica e pelos órgãos de fomento à pesquisa, sendo hoje uma das 49 áreas de conhecimento reconhecidas pela CAPES.

O livro reúne vários interlocutores, inspirados em variadas abordagens teórico-metodológicas, que se unem na resistência política ao aligeiramento e à mercantilização do ensino superior, aos ataques à ciência e à razão crítica; e contra o *des*financiamento da educação e da pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais e humanas. Estas são desvalorizadas em favor das áreas tecnológicas e de inovação numa perspectiva utilitarista e pragmática. O Estado, por meio de suas políticas de ciência e tecnologia e de ensino superior vem contribuindo para estreitar vínculos entre a educação superior e a ciência com o “mercado”. Ele canaliza esforços científicos e educacionais resultantes do trabalho social para serem gratuitamente apropriados como força produtiva do capital. Os resultados de pesquisas nas áreas das chamadas de “ciências duras” são incorporados, sem custos, por capitais na sua forma produtiva no maquinário mecânico, eletrônico e, após os anos 1970, nas tecnologias de informação/comunicação (TICS) e na inteligência artificial (IA). As conquistas da ciência e da tecnologia contribuem para ampliar a força produtiva social do trabalho, capaz de gerar importantes diferenciais de competitividade e lucratividade. A ciência, fruto do trabalho social, torna-se para o capital uma “força produtiva”³ por excelência. Ela se apresenta ao trabalhador como algo alheio e externo: e o trabalho vivo aparece subsumido ao trabalho objetivado no maquinismo enquanto capital fixo, como aplicação tecnológica da ciência: “*Dar à produção um caráter científico é, por fim a tendência do capital e se reduz o trabalho a mero momento desse processo*” (MARX, 1978, p. 221, grifos nossos)

A tecnologia quando tratada em si mesma é reificada e destituída do sentido histórico que lhe é atribuído no seu emprego pelo capital. Apreende-se como natural o processo capitalista de produção voltado à reprodução ampliada do valor e da mais-valia e o fosso de desigualdades por ele (re)criado na relação com o universo do trabalho. À medida que as relações sociais vigentes são tidas

³ MARX, K. Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (GRUNDRISSE) 1857-1858. v. 2. 7. ed. México: Siglo XXI ed., 1978.

como “dadas” e imutáveis, não caberia investir recursos públicos em ciências humanas e sociais que têm como matéria de seus estudos os sujeitos em suas relações sociais historicamente circunscritas. Essas formas históricas de sociabilidade – que as ciências humanas e sociais se propõem a explicar – envolvem desigualdades de classes, opressões de raça e etnias, geracionais, territoriais, de gênero, de orientação sexual, entre outras, presentes na formação sócio-histórica de nosso país.

A lógica acima exposta de forma sintética subjaz às transformações recentes operadas nos órgãos oficiais de fomento à pesquisa (CNPQ) e ao ensino pós-graduado (CAPES), no estreitamento dos laços entre universidade pública e empresas capitalistas. As políticas de ciência e tecnologia e de educação superior velam, em vez de revelar, as múltiplas implicações da orientação impressa aos órgãos de fomento.

O leitor encontra neste livro um cuidadoso quadro da Pós-Graduação na área de Serviço Social no Brasil em sua distribuição regional, áreas de concentração e núcleos de pesquisa. Em 2019, ela contava com 36 cursos de mestrado e 22 cursos de doutorado, com foco prioritário nas áreas de concentração de Serviço Social e Política Social, aliada à crescente incorporação dos temas trabalho e questão social, segundo a pesquisa aqui contida.

As particularidades do Pós-Graduação em Serviço Social na Região Sul do país têm destaque, cuja inauguração, em 1977, coube ao pioneirismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). A Região conta, em 2019, com 06 cursos de mestrado e 04 de doutorado, em 2019, nas seguintes universidades: PUC-RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), (Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC,) Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, (UNIOESTE).

Também sobressai um panorama do ensino remoto na pós-graduação em tempo de pandemia, sob a ótica dos discentes. As desistências se acentuam com o corte de bolsas e recursos, assim como o agravamento do adoecimento na vida acadêmica, especialmente o sofrimento psíquico. Conclama-se a necessidade de construção na pós-graduação de estratégias que incorporem determinações de classe, de raça e etnia e de gênero, considerando a permanência estudiantil para além de bolsas e o reforço da organização política discente.

As tendências da produção do conhecimento em Serviço Social, com relevo aos eixos dos fundamentos, da formação e do trabalho profissional, revelam-se nos magnos eventos dos assistentes sociais no país: os Congressos Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e nos Encontros Nacionais de Pesquisadores (ENPESS). A fecunda pauta temática indica a ênfase no Serviço Social, em suas múltiplas dimensões, debates no campo da Ética e dos direitos humanos, aproximação do Serviço Social aos movimentos sociais, à questão

agrária, urbana e ambiental, incluindo também relações de exploração/opressão de raça e etnia e sexualidades.

O livro oferece aos leitores uma necessária e provocativa pauta temática capaz de impulsionar estudos e pesquisas na órbita dos fundamentos do Serviço Social na atualidade.

O privilégio da teoria social crítica no campo dos fundamentos aponta para um duplo e central desafio, anunciado neste livro: o primeiro é aprofundar a noção mesma de fundamentos do Serviço Social; a segunda é problematizar o significado da majoritária opção pela teoria social de Marx e sua tradição intelectual na fundamentação de produções teóricas que têm o Serviço Social como objeto de estudo. Surge, então, uma pergunta que não pode e nem deve calar: que lugar tem a Crítica da Economia Política, expressa em *O Capital*, obra principal de Marx, na construção teórica dos fundamentos e nas produções que anunciam a afinidade eletiva do Serviço Social e a teoria social desse autor?

Na oportunidade, expresse meus especiais agradecimentos às organizadoras desta importante coletânea pelo honroso convite para redigir este prefácio. Saúdo os/as autores/as dos textos aqui reunidos por este trabalho coletivo de interesse público, em especial de todas e todos assistentes sociais no Brasil.

Este livro é de interesse de docentes, discentes e pesquisadores que têm se dedicado aos estudos da pós-graduação *stricto sensu* no país e à sua produção de conhecimentos, particularmente na área de Serviço Social.

Juiz de Fora, Minas Gerais, às vésperas da primavera em 2021.

Marilda Villela Yamamoto.

Prof. Titular aposentada da UERJ/ UFRJ

Pesquisadora do CNPQ